

SENSAÇÕES DO IMPACTO E NARRATIVAS POSSÍVEIS: UMA ESPERIÊNCIA PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Me. Camila Dalcin
camiladalc@gmail.com
Instituto Federal Sul-rio-grandense

Resumo: O presente trabalho tem como intuito compartilhar vivências pedagógicas experienciadas nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, em diferentes períodos do Ensino Técnico Médio do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas. A dinâmica se dá a partir da leitura do conto *Os anões* da escritora Veronica Stigger, que funciona como gatilho questionador de valores normatizados socialmente e, por conseguinte, refletir sobre um conceito tão caro à contemporaneidade: empatia. Dada essa reflexão de sentidos os educandos criam expressões textuais que exploram criticamente, a partir da linguagem audiovisual, conceitos como liberdade, preconceito, medo, resistência, entre tantos possíveis. A prática tem como propósito explorar diferentes narratividades do cotidiano, despertando olhares sensíveis sobre o outro, sobre o mundo que nos cerca.

Palavras-chave: narratividades; audiovisual; empatia; autonomia

A contemporaneidade é discutida ao longo do processo formador do educando, um dos territórios capazes de olhar sobre esse contemporâneo é a literatura e com ela os mais diferentes mundos possíveis que são criados. Por acreditar no potencial transformador da ficção, escolhi, como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, o conto *Os anões*, do livro homônimo, de Veronica Stigger, para trabalhar em sala de aula dos cursos Técnicos do Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus Pelotas.

É importante esclarecer que o Instituto atende diferentes modalidades educacionais, uma delas é o curso Técnico Integrado, no qual os estudantes cursam as disciplinas do Ensino Médio, mais as específicas dos técnicos, ao longo de oito semestres. Hoje são oferecidos os cursos: Comunicação Visual, Edificações, Design de Interiores, Química, Eletrônica, Eletrotécnica e Eletromecânica. Atendo turmas de todos os cursos, que estão em diferentes adiantamentos (semestres), com exceção do último citado. O trabalho nos mais diversos cursos me dá um campo de ação bastante heterogêneo, o que torna ainda mais rica a experiência pedagógica que passo a relatar, que foi experienciada em cinco das dez turmas que atuo.

Sensações do Impacto

A escolha do conto *Os anões* se deu, sobretudo, pelo impacto da sua narrativa. Não passando de duas páginas, o conto relata a história de um casal de anões que vai à confeitaria e é acusado por outros frequentadores de furarem a fila. O que gera cenas de extrema violência: os anões são espancados até a morte pelos personagens que esperam na fila e justificam o ato por sentirem que seus direitos foram lesados. Um elemento muito importante da perspectiva narrativa é o fato de estar em primeira pessoa. Uma personagem feminina que está esperando na fila é quem nos conta essa história e tenta, desde o início da narrativa, nos convencer da razão pelo qual os anões mereceram serem mortos.

O enredo por si só já causa um estranhamento nos leitores, pela violência gratuita na qual é embasado. Além disso flerta com elementos do fantástico e do absurdo, por exemplo, quando uma gosma verde sai da cabeça dos anões ou quando uma massa vermelha disforme é varrida pela atendente quando a barbárie acaba, que levam a distanciarmos o argumento do conto da realidade. Entretanto, podemos analisar essas escolhas estéticas como fator poético da autora para nos fazer refletir sobre o mundo que nos cerca. Como se através do impacto do absurdo nos remetesse a tantas violências cotidianas.

No primeiro momento, a reação dos educandos é de que o conto está distanciado da realidade, que os fatos narrados não condizem com o mundo real. Entretanto, quando em sala de aula, pensamos nele em termos metafóricos, os estudantes trazem questões como: o que a figura dos anões simboliza no nicho social da confeitaria? Como essa diferença é tratada? Por que não temos a perspectiva dos próprios anões relatada?

Quando entendemos que os anões podem simbolizar o diferente, o que não se encaixa na norma, começamos a perceber como essa diferença é tratada por pessoas “comuns” – representados pelos que esperam na fila - e, como se buscam justificativas por esse grupo de culpabilizar quem não corresponde ao comportamento padrão. O que em termos estruturais explica a narradora em primeira pessoa.

Diante dessas possibilidades interpretativas, as leituras se ampliam, e no lugar do primeiro impacto, entram temas que são vivenciados pelos educandos como: preconceito, racismo, homofobia, machismo, intolerância religiosa, discurso de ódio, projetados por exemplo no ataque ao sistema de cotas raciais nas universidades públicas; assim como a violência contra transgêneros, que hoje coloca o Brasil no topo dos países que mais matam trans no mundo. Entendendo então, que em

realidade normatizadas, o que foge à norma, acaba por sofrer algum tipo de violência, e será, muitas vezes, culpabilizado por isso.

Narrativas Possíveis

A partir desse deslocamento do olhar sobre o conto, buscamos então nos colocar no lugar do outro, exercitando a empatia. Em termos textuais, criando novas narrativas. A atividade que segue à leitura é a de criar uma narrativa verbal que mude a perspectiva da narração, portanto, se temos no conto original uma primeira pessoa, representada por alguém na fila, no texto criado pelos educandos, a narrativa passa a ser contada pelos olhos. Além dessa premissa, pedi que o conflito fosse mantido (a discussão pela fila supostamente furada).

O processo foi transformador, os alunos se engajaram na produção textual e criaram narrativas extremamente criativas, com tom crítico, refletindo as suas capacidades de olhar para o mundo que os cerca. Os textos foram compartilhados com a turma em leituras coletivas e a partir daí criamos uma nuvem de sensações geradas pelas histórias narradas. Surgiram palavras como amor, ódio, preconceito, invisibilidade, crueldade, intolerância, angústia, medo, resistência, empoderamento, esperança, entre tantas outras.

Dois pontos são importantes aqui, o primeiro que foi possível perceber ao longo do processo de leitura que muitos autores, até então tímidos com seus textos, se desapegaram da baixa autoestima como escritores, e reconheceram suas capacidades criativas e de escrita, reverberando uma sensação de autonomia. O segundo é que as sensações geradas por essas potências criativas serviram de gatilho para o nosso próximo processo narrativo, agora recorrendo a outros meios comunicacionais, não mais presos ao verbal, mas sim, se apropriando de outras semioses.

A proposta foi de que, coletivamente, cada grupo escolhesse uma palavra da nuvem de sensações para representar através de outras mídias, a maioria decidiu pela linguagem cinematográfica. Como resultado foram criados vídeos de dois a cinco minutos, que priorizaram a imagem como principal meio comunicacional e exploraram os temas das formas mais diversas.

Vou me debruçar sobre os trabalhos que desenvolveram os temas: violência e empoderamento; porque acredito serem estes vídeos os que mais simbolizam o potencial crítico dos educandos. Em todas as turmas, mais de um grupo abordou essa temática, sobretudo, a partir da violência contra a mulher – relacionamento abusivo; violência física; moral; psicológica – e a trans e homofobia. Cabe ressaltar a perspectiva sobre esses conceitos, os grupos compostos na maioria

por meninas, buscaram representar as violências e como elas progridem caso não se procure ajuda. Mostraram através de imagens, de dados, da trilha sonora, os atores sociais que frequentemente sofrem com essa realidade, assim como trouxeram exemplos com possíveis caminhos de conscientização.

Essas dinâmicas foram pautadas em ações pedagógicas que buscam o protagonismo do estudante, ou seja, o aluno ocupa uma posição de centralidade no processo de ensino-aprendizagem, trazendo à sala de aula questões importantes do mundo contemporâneo através dos códigos comunicacionais que compõe o seu cotidiano, inspirada na pedagogia das multi linguagens.

Por focar a multiplicidade e hibridação de linguagens e culturas convocadas pela sociedade contemporânea em processos de construção de significados assim como as implicações éticas de tais processos no mundo do trabalho, no pluralismo cívico e nos estilos de vida, a pedagogia dos multiletramentos constrói-se no imbricamento entre teoria e ato ético inscritos no existir-evento, representando, portanto, uma alternativa epistemológica para um trabalho docente com as linguagens no sentido de contribuir com a construção de sujeitos capazes de transitar, compreendendo, interpretando e respondendo, a partir de posicionamentos valorados, (a)os discursos produzidos e circulantes nessa sociedade (SZUNDY; OLIVEIRA, 2014, p.199).

Entendendo então que a pedagogia do multiletramento exige e incentiva um aluno crítico, autônomo, que o uso da internet e dos celulares na escola são instrumentos e recursos para a interação, comunicação e, mais importante, para reflexão crítica desse sujeito diante da realidade que o cerca. Para o multiletramento, o aluno passa a ser sujeito de sua aprendizagem, transformando-se em criadores de sentido, como aponta Rojo no *Multiletramentos na escola*:

Há dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO; MOURA, 2012, p. 13)

Nesse tocante, além de incentivar a autonomia do aluno e o seu empoderamento crítico, a proposta de produção de audiovisual também objetivou levá-lo a acionar múltiplos letramentos, tais como: multiplicidade de linguagens, práticas de leitura, análise crítica, trabalho colaborativo, domínio de áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição, entre outras habilidades capazes de potencializar a criatividade do educando.

Considerações finais

Acredito que educar seja um ato de afeto e responsabilidade que pressupõe, portanto, a consciência de que nossas ações são sempre de natureza ideológica e política, tendo implicações éticas na vida com quem compartilhamos os territórios educacionais. Essa consciência do fazer implicou nos caminhos que seguimos, do conto à produção audiovisual, passando pela criação textual e os desdobramentos da leitura coletiva. Entendo que o processo teve como principais motivadores a aproximação dos estudantes com a literatura e, de forma mais intensa, com o potencial crítico das multilinguagens nos espaços comunicacionais contemporâneos.

Assim, é possível pensar que os caminhos pedagógicos possibilitam que nos tornemos ainda mais sujeitos do nosso tempo, capazes de olhar crítica e subjetivamente para os espaços que ocupamos. Como diz Agambem, nos tornarmos seres contemporâneos que é “antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz.” (2009, p.14).

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. Vinícius Nikastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

STIGGER, Veronica. *Os Anões*. São Paulo: Cosac Naify, 2007

SZUNDY, P. ; OLIVEIRA, MARIA BERNADETE FERNANDES DE. *Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade*. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 9, p. 184-205, 2014.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*, São Paulo: Parábola editorial, 2009

_____; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola editorial, 2012